

O CRISTO CRUCIFICADO COMO MÍDIA E A EINFÜHLUNG (EMPATIA) COMO MENSAGEM DE FÉ CRISTÃ. THE CRUCIFIED CHRIST AS A MEDIA AND THE EINFÜHLUNG (EMPATHY) AS A MESSAGE OF CHRISTIAN FAITH.

Luiz Guilherme Leite AMARAL¹

RESUMO

Este artigo analisa o papel do Cristo crucificado em forma de símbolo (pingente, estátua ou adereço de altar) como uma mídia para a transmissão da Empatia (Einfühlung). A cruz é o símbolo que transmite o sofrimento de Jesus Cristo na expiação dos pecados dos seres humanos e a Empatia é o estado de consciência que permite a evangelização a partir da emulação da dor de Jesus Cristo no momento de sua execução. O Cristo crucificado como mídia é analisado pela teoria das mídias de Harry Pross. Já a Empatia é abordada segundo os conceitos de Edith Stein, assim como uma explanação de outros autores que abordam o mesmo tema. O símbolo da crucificação de Jesus Cristo gera a Empatia necessária para que a fé cristã se mantenha firme e os propósitos da Igreja, sejam mantidos.

Palavras-chave: *Religião. Comunicação. Empatia. Mídia. Fé.*

ABSTRACT

This paper analyses the role of the crucified Christ (as a pendant, statue or ornament) as a media for the communication of Empathy (Einfühlung). The cross is the icon, which communicates Jesus Christ's suffering when atoning the sins from human beings, and Empathy is a state of mind, which allows evangelization through the emulation of Jesus' pain in the moment of his execution. The crucified Christ as a media is analyzed with Harry Pross' media theories. Empathy is analyzed according to the ideas of Edith Stein, as well as a brief criticism on other authors on the same subject. The icon for the crucified Christ generates Empathy, which is necessary to keep the faith and maintain Church's goals.

Keywords: *Religion. Communication. Empathy. Media. Faith.*

1. Introdução

Muitas são as interpretações sobre o que é a *Einfühlung*, ou Empatia. Os autores que tratam do tema vêm de diferentes universos de conhecimento, por vezes defendendo paradigmas bastante distintos e, por este motivo, a crítica e compreensão sobre a Empatia acaba se tornando um emaranhado. Friedrich Nietzsche, Bertold Brecht ou Theodor Lipps, entre outros, tratam a Empatia de maneiras diferentes em suas produções acadêmicas. Apesar das opiniões distintas, todos apresentam uma característica em comum: dão foco ao objeto, e não à pessoa. Esta é uma das faces da

¹ Graduação em Comunicação Social pela Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação de Sorocaba (2007). Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (bolsa PROSUP/CAPES). E-mail: luiz.amaral.mestrado@gmail.com.

abordagem da Empatia com o Cristo crucificado proposta neste trabalho, mas o que se busca aqui é outro caminho: analisar a pessoa em relação ao objeto. Para tratar o tema da Empatia tendo a pessoa como matriz em contato com um símbolo religioso é necessário, então, encontrar a frente de pensamento que melhor se adequa ao fenômeno em questão.

O ponto central do conceito de Empatia de Edith Stein reside na percepção e memória (STEIN, p. 4). Ela “manteve o foco na compreensão da empatia como o conhecimento do próximo” (NOWAK, 2011). Existe aqui a tentativa de entender a Empatia, que está relacionada ao que o sujeito sente ao se conectar com o símbolo, uma vez que este símbolo trará percepções e/ou memórias que se traduzem em sentimentos. A Empatia é um fenômeno capaz de criar sentimentos que “não existem”, quer dizer, a dor da Empatia não é algo que acontece fisicamente, mas é o entendimento e a emulação mental da dor do próximo que a torna sensível.

Pense no cachorro que foge. Este exemplo pode surgir de duas situações distintas: (A) você é dono de um cachorro que foge e entra em estado de aflição; e (B) você nunca possuiu um cachorro mas sabe que o cachorro de seu amigo fugiu e ele está aflito. Você sente esta mesma aflição, ainda que nunca tivesse adotado um cachorro, porque consegue conceber a dor desta perda. A situação A tem relação com o “eu” vivendo o desespero de ter perdido o cachorro. A situação B tem ligações mais complexas, pois se trata do “eu” real criando um sentimento que existiria se o “eu” imaginário tivesse perdido um cachorro. Esta correlação de ações forma-se pela capacidade de processar a memória, criar expectativas e fantasias (STEIN, p. 7).

Stein se apoia na “redução fenomenológica” para investigar a Empatia como um processo fenomenológico e que, portanto, esclarece todas as bases de conhecimento a respeito deste assunto (STEIN, p. 3). Reside aí um viés filosófico no processo de conhecimento do fenômeno em questão. Aristóteles pregava que não se podia conhecer as coisas a fundo dentro de um escritório; era necessário observá-las. Já Platão acreditava que era possível pensar e desvendar coisas pensando profundamente sobre elas, sem precisar estar em contato direto. Stein procura mesclar os dois mundos destes filósofos ao analisar a Empatia: ao mesmo tempo em que escreve de forma profícua, também consegue fazer experimentos que elucidam a questão.

Ela apresenta seu método para investigação – título do primeiro capítulo de seu livro. Segundo a autora, é necessário esclarecer que podem haver interpretações

materialistas ou idealistas sobre o assunto, então seu primeiro passo é excluir o caráter metafísico da questão da Empatia pois trata-se, em última análise, de um fenômeno físico/químico (cerebral):

Deixe-me explicar o que significa esta exclusão. Posso duvidar se o que está diante dos meus olhos realmente existe. O engodo é possível. Portanto, devo excluir ou descartar o que é ou não passível de existência. Mas o que não posso excluir, o que não está sujeito à dúvida, é minha experiência com relação à coisa (a percepção, memória, ou outro tipo de compreensão) bem como seu correlato, a “compreensão total do fenômeno da coisa” (o mesmo objeto em uma série de percepções e memórias diversas. (p. 4)²

A questão da percepção está presente na metodologia de Stein, pois ela julga que a percepção é mais definitiva do que a possível existência de algo com o qual nos conectamos. A própria suspensão dos “fenômenos do mundo”, basais na fenomenologia segundo a autora (p. 4), ainda trazem uma essência que pode ser considerada no ato da investigação. Ela argumenta, portanto, que “a fenomenologia da percepção, não satisfeita em descrever a percepção, quer esclarecer que ‘a percepção é o que é’” (p. 4). Ao comparar a Empatia com outros fenômenos – o que ela chama de “atos de pura consciência” – podemos investigar mais a fundo a questão da percepção.

Pode-se compreender pelo trecho citado acima, também, que Stein prepara a argumentação desta pesquisa. Apesar de não nos atermos à discussão se Jesus Cristo existiu de verdade ou não, ou se a crucificação aconteceu realmente ou é apenas uma fábula, ou se até mesmo todo o cristianismo é uma invenção de Paulo – assim como o islamismo é completamente forjado a partir dos ideais de Maomé –, a lógica utilizada por Stein pode ser perfeitamente aplicada: não importa se existe ou não; o que importa é a percepção de alguém sobre isto, e este é um fundamento da *Einfühlung*.

Stein elabora o pensamento da “percepção exterior” (*outer perception*), em que qualifica como algo que está presente no espaço-tempo e que ocorre em direção a

²Let us consider what this exclusion means. I can doubt whether what I see before me exists. Deception is possible. Therefore, I must exclude and make no use of the positing of existence. But what I cannot exclude, what is not subject of doubt, is my experience of the feeling (the perception, memory or other kind of comprehension) together with its correlate, the full “phenomenon of the thing” (the object given as the same in series of diverse perception or memory).

uma pessoa. A *primordialidade* consiste em compreender esta percepção exterior e absorver um determinado sentido em relação a isso. O exemplo que Stein traz é a dor:

A dor não é uma coisa e não me é dada como uma coisa, mesmo se eu a percebo “em” uma expressão facial de dor. Eu percebo a expressão de dor superficialmente e a dor faz “parte do pacote”. Há um paralelo bastante próximo, mas livre no entanto, entre atos de empatia e as facetas do que se vê, porque na percepção progressiva eu posso trazer sempre novas facetas da assumpção primordial. (p. 6-7)³.

A autora cria uma nomenclatura para fazer a distinção entre os dois “eus” envolvidos neste raciocínio. O “eu” que produz o pensamento é o *primordial*, enquanto que o “eu” que vive dentro do pensamento é o *não-primordial*. Assim, é possível justificar as aspas na frase *criar sentimentos que ‘não existem’*, pois a Empatia é a emulação de uma sensação sobre uma determinada situação. A Empatia também tem a capacidade de viajar no tempo, ou seja, as emoções criadas por ela podem ser advindas de momentos que surgiram tanto no passado quanto no presente ou futuro. O que importa, então, é haver um símbolo ou ocorrência com que o sujeito se conecte para iniciar este processo. No caso do cristianismo, o Cristo crucificado é este símbolo.

2. A Empatia (*Einfühlung*) como mensagem

O termo *Einfühlung* foi cunhado por Robert Vischer em 1873, e seu significado é “a transmissão de sentimentos para o mundo natural” (PIGMAN, 1995), o u *in-feeling*, em uma tradução ainda mais próxima na língua inglesa. Ainda em inglês, uma noção da palavra seria “calçar os sapatos de outra pessoa”, o que significa ter uma profunda noção do que o outro sente. Esta “noção” não significa que dois sujeitos estejam sentindo exatamente a mesma coisa, mas que um deles esteja e o outro consiga entender sua dimensão. Se traduzida literalmente do alemão, a palavra correspondente em português é Empatia. Na concepção de Vischer, *Einfühlung* é a fusão da experiência do sujeito com a experiência do objeto, fazendo com que o

³The pain is not a thing and is not given to me as a thing, even when I am aware of it “in” the pained countenance. I perceive this countenance outwardly and the pain is given “at one” with it. There is a very close, yet very loose, parallel between empathic acts and the averted sides of what is seen, because in progressive perception I can always bring new sides of the thing to primordial givenness.

primeiro sinta a experiência do próprio objeto ao invés de sua própria (PIGMAN, 1995). Edith Stein vai ao encontro da ideia de Vischer ao estabelecer convenções a respeito do *Einfühlung*. Depew aponta que Theodore Lipps, ao contrário, acredita que o foco da Empatia é o próprio objeto estético, o que, apesar de contrário ao proposto neste artigo, ainda é levado em consideração para manter viva a argumentação:

O *objeto* da experiência estética é o próprio objeto estético sensível, o qual contemplamos de uma “distância estética” apropriada ou com o “desinteresse” estético ao qual Kant se refere. Nossos estados de sentido não são o objeto da experiência estética, conforme Lipps, mas mero “espaço de possibilidade” (DEPEW, p. 100)⁴.

A discussão sobre a Empatia ser algo exclusivo para com pessoas ou objetos tende a delimitar a discussão, pois quando analisamos a experiência estética com o Cristo crucificado, incluímos na discussão todas as duas possibilidades.

É compreensível a ideia de uma “participação” em experiências alheias (STEIN, p. 12), o que nos leva a entender que deve existir uma ideia original a respeito da sensação. No entanto, Stein salienta que existe o fator da fantasia, e isto significa que a ideia original também pode ser simulada ou fruto de imaginação. A relação de troca promovida pelo Cristo crucificado e seu espectador resulta em um produto que não requer experiência anterior, pois é compreensível o tamanho da dor física ao passar por tal situação.

O segundo ponto é o foco no sujeito, ao invés do foco no objeto. A Empatia gerada no cristão a partir do momento em que há a conexão com o Cristo crucificado torna-se o produto de uma mídia secundária utilizada por um fim específico. A relação do cristão com este objeto a partir do momento em que se desenvolve a Empatia é um elo criado a partir de sua própria crença. Deve-se acrescentar aqui o seguinte argumento: se o sujeito não for cristão, quer dizer, não tiver em si a noção de que o Cristo crucificado é um símbolo de um evento importante no cristianismo, ele *talvez* poderá ser empático à dor de uma crucificação e *talvez* poderá se converter mediante aprofundamento nesta religião. Porém, se for cristão, a conexão entre o

⁴The object of aesthetic experience is the sensuous aesthetic object itself, which we contemplate from a suitable “aesthetic distance” or with the characteristically aesthetic “disinterest” of which Kant spoke. Our own feeling states are not the object of aesthetic experience, argued Lipps, but merely the ground of their possibility.

sujeito e o objeto é mais estreita, e a Empatia revela-se de forma mais plena, pois alcança seu objetivo primordial sobretudo pelo caminho da fé. Este estudo refere-se ao cristão que compreende a noção de representatividade do Cristo crucificado.

A Empatia com foco central no “eu” e que resulta em duas instâncias distintas, “*eu primordial*” e “*eu não-primordial*” resolve apenas uma parte da equação. Para Stein, o *eu primordial* pensa em uma situação de alegria, coloca-se dentro desta situação e o *eu não-primordial* é quem vivencia esta situação de alegria. Esta sensação, então, transita do *eu não-primordial* para o *eu primordial* e completa o sujeito com a alegria.

A Empatia gerada pelo Cristo crucificado é a sensação transferida no *eu-primordial* a partir da reconstrução da dor vivida por Jesus Cristo em uma história, sendo que o *eu não-primordial* é a possibilidade de estarmos no lugar de Jesus Cristo no ato da crucificação. A dor não se forma por memória, mas por emulação. O componente religioso da crucificação – “morrer pelos nossos pecados” – é o que habilita que pessoas mantenham-se firmes em sua fé pois encontram nisso um senso de retribuição, como se devessem fidelidade por terem sido o propósito do martírio. Ressalta-se também que a concepção de Lipps sobre a completude do sentimento na Empatia: Stein argumenta que se há tal completude, não se trata mais da Empatia propriamente dita, pois isso acabaria com a distinção entre o “eu” *primordial* e o “eu” *não-primordial*. A relação entre os “eus” não é de dualidade, mas também não é de unidade; há um desencadeamento entre os dois estágios e que se conectam criando o processo de Empatia.

3. O Cristo crucificado como mídia

O cristianismo é tomado por símbolos que reforçam sua crença: santos, anjos, nuvens e o Cristo crucificado. Curiosamente, a Bíblia é contundente ao proibir esta prática no livro de Deuteronômio, capítulo 5, versículo 8, que diz “Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima no céu, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra”. Se uma ordem supostamente divina é quebrada e aparentemente não há problema nisso – o que não é o caso do Protestantismo – podemos tentar entender o por quê.

A partir do relato bíblico a respeito do julgamento de Jesus por Pôncio Pilatos, que o condena à crucificação, forma como Roma punia rebeldes, particularmente no

primeiro século desta era, faz surgir o símbolo mais proeminente do cristianismo que é a imagem de Jesus Cristo crucificado. Nesta alegoria, Jesus é crucificado entre dois ladrões e, quando teve seu corpo removido da cruz, ressuscitou após três dias.

FIGURA 1: representação artística da cena do Cristo crucificado após julgamento.



(Jesus na cruz entre dois ladrões. Peter Paul Rubens.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Crucificação_de_Jesus#/media/File:Peter_Paul_Rubens_-_Christ_on_the_Cross_between_the_Two_Thieves_-_WGA20235.jpg

O Cristo crucificado significa, para os cristãos, a expurgação do mal que reside na humanidade. “Jesus morreu pelos nossos pecados” é a interpretação correta para esta cena, e ela passa a representar a divisão entre a injustiça dos homens com o filho de Deus e a concretização de sua figura como o messias, sobretudo com sua ressurreição três dias depois. O contexto representado na FIGURA 1 atende o que está descrito na Bíblia: Jesus entre os dois ladrões, o soldado do exército romano furando seu corpo para averiguar se ainda está vivo, a mãe de Jesus aguardando para remover o corpo.

A cruz tornou-se um símbolo de fé para cristãos. Nela reside a visão de mundo de uma religião com mais de um bilhão de adeptos. E como se trata de um símbolo que representa o Cristo crucificado, conecta-se ao sujeito e inicia a produção de

sentimentos. Sendo assim, podemos entendê-lo como uma mídia. A cruz é a representação do sofrimento de Jesus para a redenção dos fiéis, e a transmissão deste conceito é infalível. Inserido no contexto da fé cristã, os elementos que criam a Empatia funcionam tanto juntos quanto combinados. A cruz sozinha, a cruz com Jesus Cristo e a posição de Jesus Cristo sem a cruz, todas as três tornam-se uma mídia que transmitem o sofrimento que se converte em fé. É possível entendê-los como mídia, pois se caracterizam por um suporte que transmite uma mensagem.

Segundo Harry Pross (1971), a cruz é uma mídia secundária, pois é:

“Constituída por aqueles meios de comunicação que transportam a mensagem ao receptor, sem que este necessite de um aparato para captar seu significado, portanto são mídia secundária a imagem, a escrita, o impresso, a gravura, a fotografia, também seus desdobramentos enquanto carta, panfleto, livro, revista, jornal (...)” (PROSS, 1971, apud BAITELLO Jr., 2001, p. 232-3)

Não há como o Cristo crucificado ser apenas um objeto comum pois ele carrega um sentido muito claro e sua intenção é direta. Observar uma cruz em um aparelho público, como a câmara de Vereadores ou Deputados, ou então na entrada de uma cidade, significa que existe um pensamento coletivo que aponta para mesma direção – uma população cristã que cultua este símbolo. O Cristo crucificado torna-se mais que um símbolo de uma crença porque não é somente a representação do sofrimento de Jesus Cristo e a remissão dos pecados do mundo: é também um objeto que sinaliza o modo de pensar de um grande número de pessoas, e que se há pessoas que não compactuam com o que o Cristo crucificado estabelece, então há uma minoria marginalizada que convive com a indulgência da maioria. Sendo assim, não é algo que passe despercebido.

Objetos como adereços e estátuas também fazem parte do universo das mídias secundárias. Isto significa que tanto uma pintura do Cristo crucificado em uma tela ou uma escultura da mesma cena constam na mesma categoria atribuída por Pross (1971), já que emitem a mensagem e causam determinada emoção ao interlocutor.



(FIGURA 2: recorte com pingentes de cruz. Fonte: Google Imagens)

O Cristo crucificado em forma de objeto cumpre os papéis descritos na teoria das mídias dentro do contexto de fé cristão. Em primeiro lugar, trata-se de um suporte que armazena a mensagem, transporta-a e garante sua longevidade. Existem duas interpretações, contudo, e que serão discutidas mais adiante: a mensagem pode ser a dor que Jesus Cristo supostamente sentiu na cruz ou a intenção de provocar Empatia pela dor que ele sofreu, ou seja, a ideia de uma dor que na prática nunca existiu.

Também, emissor e receptor não precisam compartilhar o mesmo tempo e o mesmo espaço, uma vez que o suporte eterniza esta mensagem. Não importa quando a imagem de Cristo crucificado foi fabricada; ela contém em si a informação precisa que necessita ser transmitida. Ainda que a crucificação tenha ocorrido no Século I, conforme os relatos bíblicos, o conceito do Jesus crucificado eternizou-se pela manutenção das tradições eclesiais tanto quanto pela força dos fiéis em manter toda a crença viva.

4. Conclusão

O cristianismo é fundamentado no conceito da solidariedade. Ocorreu durante o próprio estabelecimento da religião em Roma, em função de sua marginalidade, pois o estratagema era simples: unir-se ao outro, que é igualmente fraco, para tornarem-se fortes. Não era somente o ensinamento de um líder religioso, mas uma forma de manter todo o grupo coeso. Ao longo dos anos e dos estudos teológicos, o conceito de solidariedade foi moldado para fazer parte dos princípios desta religião, e então a Empatia, um fenômeno social já bastante desenvolvido, é incorporado para tornar-se um artifício de fé.

A partir da análise sobre o Cristo crucificado e sua influência na fé cristã, é possível delinear os elementos que respondem uma das facetas da manutenção da fé cristã. Já que se pode entender a fé como a convicção inabalável de que algo seja

verdade, o estudo se propõe a investigar como se dá a relação deste sentimento de fé e o apego a objetos de cunho religioso. Pode-se pensar que a Empatia é formada por um conjunto de regras primárias, como valores éticos, morais ou teológicos, e que ela operará de acordo com a compreensão do indivíduo somado ao modo com que sua personalidade ou índole opera. Isto significa que a Empatia precisa operar sobre uma série de diretrizes para que seja compreendida efetivamente como tal. A religião, como um amálgama das sociedades, é uma camada pela qual a Empatia funcionará para desencadear seus fenômenos sociais e, dentro do espectro religioso, desvendar a relação do fiel com o símbolo da sua religião.

Neste processo identificamos que o meio é o objeto estético do Cristo crucificado, seja em forma de pingente, estátua ou ilustração, pois está dentro das teorias midiáticas de Harry Pross e, portanto sua capacidade de carregar uma mensagem para um receptor é factível. Como uma mídia secundária, não apenas é possível que ela capture o tempo em que foi produzida e a mensagem, mas que também seja moldada em função da própria mensagem para criar mais que a comunicação, mas também um vínculo. O Cristo crucificado detém uma linguagem própria que pereniza o conceito de martírio.

A Empatia é a mensagem, pois é nela que reside a intenção na narrativa contada na Bíblia. Segundo a crença, Jesus morreu na cruz por nossos pecados, e o fiel cristão tem a dívida de gratidão por este gesto. A Empatia, aliás, torna-se uma força motriz dentro da própria fé em diferentes eventos, como mostra a tabela a seguir:

TABELA 1: Referências sobre Empatia na Bíblia

Livro e versículo bíblico	Trecho
Filipenses 2:5-8	Mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz.
Romanos 12:15	Alegrai-vos com os que se alegram; e chorai com os que choram".
Mateus 12:7	Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas.
João 3:16-17	Porque Deus amou o mundo de tal maneira que

	<p>deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.</p> <p>17. Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.</p>
Mateus 5:43-44	<p>Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo; Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem.</p>

FONTE: Bíblia Online, 2016 – www.bibliaonline.com.br

Além de todo o calvário descrito no livro de Marcos, capítulo 15, o trecho citado no livro de João é igualmente esclarecedor no processo de construção da Empatia pelo Cristo crucificado, que diz “Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele”. Mora aí o inabalável para a fé, pois faz parte da escritura sagrada de uma religião e não pode ser posta à prova por quem a segue.

De acordo com o que é apresentado pela teoria de Stein, o Cristo crucificado é um elemento que reforça a fé cristã, uma vez que a empatia gerada pelo sofrimento contido no símbolo está de acordo com a premissa de que “Jesus morreu pelos nossos pecados”. A compreensão da dor de Jesus ao ser crucificado colaborou para que o cristianismo atingisse mais de 1 bilhão de fiéis ao longo de sua história. A mensagem de fé está incutida nos valores morais de quem acredita nela e, enquanto este símbolo continuar como um meio de comunicação dentro do cristianismo, seu cenário permanecerá inalterado.

Referências

- BAITELLO JR., N. **O Tempo Lento e o Espaço Nulo**. Disponível em <<http://www.cisc.org.br/portal/index.php/en/biblioteca/finish/7-baitello-junior-norval/10-o-tempo-lento-e-o-espaco-nulo-midia-primaria-secundaria-e-terciaria.html>>. Acesso em 21 ago. 2015.
- DEPEW, D. **Empathy, Psychology and Aesthetics: Reflexion on a Repair Concept**. Disponível em <<http://ir.uiowa.edu/poroi/vol4/iss1/6/>>. Acesso 7 jan. 2016.
- MCDANIEL, K. **Edith Stein: on the problem of empathy**. Disponível em <<http://krmcdani.mysite.syr.edu/ESPOE.pdf>>. Acesso em 4 jan. 2016. Syracuse University, 2014.
- NOVAK, M. **The complicated history of Einfühlung**. Argument, Vol. 1, 2011.
- PIGMAN, G.W. **Freud and the history of empathy**. Disponível em <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7628894>>. Acesso em 6 jan. 2016.
- STEIN, Edith. **On the problem of empathy**. In: The Collected Works of Edith Stein, Vol. 3. Washington: ICS Publications, 1989.